



ESTUDOS DE GÊNERO:

MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NAS RELAÇÕES DE PODER

Bruna Bejarano
Viviane Mocellin
(organizadoras)



EDITORA
ARTEMIS

2021

VOL II



ESTUDOS DE GÊNERO:

MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NAS RELAÇÕES DE PODER

Bruna Bejarano
Viviane Mocellin
(organizadoras)



EDITORA
ARTEMIS

2021

VOL II



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição- Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comercial. A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisângela Abreu
Organizadoras	M. ^a Bruna Bejarano M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Imagem da Capa	Aklionka
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”, Cuba*
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, *Universidade Federal de Uberlândia*
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, *Universidade Federal da Paraíba*
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano, Peru*
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, *Universidade do Estado de Mato Grosso*
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla, Espanha*
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, *Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro*
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, *Universidade Nova de Lisboa, Portugal*
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, *Universidade Aberta de Portugal*
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, *Universidade Federal da Grande Dourados*
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Carlos III de Madrid, Espanha*
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, *Universidade Estadual do Maranhão*
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, *Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal*
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, *Universidade de São Paulo*
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, *Universidade Federal de Roraima*
Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo, México*
Prof.^a Dr.^a Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina*
Prof.^a Dr.^a Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca, Espanha*
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República, Uruguay*
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona, Espanha*
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, *Universidade Federal do Triângulo Mineiro*
Prof.^a Dr.^a Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis, Argentina*
Prof.^a Dr.^a Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, *Instituto Politécnico da Guarda, Portugal*
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
Prof.^a Dr.^a Iara Lúcia Tescarollo Dias, *Universidade São Francisco*
Prof.^a Dr.^a Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura, Peru*
Prof.^a Dr.^a Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Ivan Amaro, *Universidade do Estado do Rio de Janeiro*
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío, Chile*



Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Javier Antonio Alborno, *University of Miami and Miami Dade College*, USA
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha*, Espanha
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid*, Espanha
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín*, Colômbia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Dr.ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodriguez, *Universidad Santiago de Compostela*, Espanha
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe
Prof.ª Dr.ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana "José Antonio Echeverría"*, Cuba
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.ª Dr.ª Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
Prof.ª Dr.ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
Prof. Dr. Turpo Gebera Osbaldo Washington, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa*, Peru
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande
Prof.ª Dr.ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca*, Colômbia

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E82 Estudos de gênero [livro eletrônico] : mudanças e permanências nas relações de poder: vol. II / Organizadoras Bruna Bejarano, Viviane Carvalho Mocellin. – Curitiba, PR: Artemis, 2021.
Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
Edição bilíngue
ISBN 978-65-87396-41-5
DOI 10.37572/EdArt_140821415

1. Igualdade – Gênero – Brasil. 2. Mulheres – Condições sociais.
I. Bejarano, Bruna. II. Mocellin, Viviane Carvalho.

CDD 305.42

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



APRESENTAÇÃO

A coletânea “**Estudos de gênero: mudanças e permanências nas relações de poder**” surgiu da sugestão de autores de variadas áreas do conhecimento que se dedicam à compreensão de como as relações de poder que se estabelecem socialmente entre “masculinidades” e “feminilidades” influenciam praticamente todos os aspectos da vida.

Dados do *World Economics Forum* (Forum Econômico Mundial), publicados em dezembro de 2019, demonstram que, globalmente, ao ritmo atual, serão necessários aproximadamente 100 anos para que se alcance a igualdade de gênero, que é um direito fundamental essencial para a consolidação dos Direitos Humanos. Por outro lado, os dados também apontam que a desigualdade é fator de atraso econômico e social, e que os países com maior igualdade de gênero são também os países com maior IDH: Islândia, Noruega, Finlândia e Suécia lideram a lista dos países com maior paridade.

No relatório, o Brasil aparece na 92ª no ranking global, e ocupa a 22ª posição entre os 25 países da América Latina e do Caribe. Ou seja, apesar dos avanços conquistados nas últimas décadas, ainda há um longo caminho a percorrer, razão pela qual decidimos coordenar a elaboração de um livro dedicado aos diversos modos como os papéis e características atrelados ao gênero ainda são fator de desequilíbrio no acesso à vida política, à participação econômica, ao direito à saúde e educação, enfim, ao lugar social das pessoas.

É uma honra para nós, da Editora Artemis, podermos presentear o leitor com o Volume II desta coletânea, que traz textos sobre o papel da arte na construção (e desconstrução) de conceitos normativos e estereotipados sobre identidade de gênero, sexualidade e sexo (Capítulos I e II), transexualidade feminina na condição de encarceramento (Cap. III), violência obstétrica no Brasil (Cap. IV), liderança feminina e desigualdade de gênero no contexto organizacional (Cap. V) e, finalmente, dois relatos de estudos sobre relações e percepções de gênero no contexto educacional (Cap. VI e VII). Todos estes estudos contribuem para uma melhor compreensão das práticas sociais que atribuem papéis e identidades distintos a seus diferentes membros e como estas práticas estão ligadas às relações de poder e desigualdade.

Desejamos a todos uma proveitosa leitura!

Bruna Bejarano
Viviane Carvalho Mocellin

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

O.R.G.I.A, UN CUERPO ARTÍSTICO DE TRES CABEZAS: *LAS TENDENCIAS FEMINISTAS Y QUEER COMO FORMACIÓN EN NUEVAS EXPRESIONES ARTÍSTICAS*

[Bartolomé Palazón Cascales](#)

[Leticia Fayos Bosch](#)

DOI 10.37572/EdArt_1408214151

CAPÍTULO 2..... 12

TRANSFOBIA E SUJEITO TRANS: UMA ANÁLISE LÉXICO-DISCURSIVA EM “BIXA TRAVESTI”

[Dina Maria Martins Ferreira](#)

[Ikaro César da Silva Maciel](#)

DOI 10.37572/EdArt_1408214152

CAPÍTULO 3.....25

FEMINILIDADES TRANS E CÁRCERE: A HISTÓRIA DE UM PROJETO

[Rosalice Lopes](#)

[Giovanna Loubet Ávila](#)

DOI 10.37572/EdArt_1408214153

CAPÍTULO 4..... 39

VIOLENÇA OBSTÉTRICA NO BRASIL: CONCEITO, MOTIVAÇÕES E AS RECOMENDAÇÕES PARA PREVENÇÃO E COMBATE

[Anne Luise Pontes Cordovil](#)

[Dorinethe dos Santos Bentes](#)

DOI 10.37572/EdArt_1408214154

CAPÍTULO 5..... 48

TRAJETÓRIAS DE MULHERES LÍDERES DE DIFERENTES RAÇAS E NÍVEIS HIERÁRQUICOS

[Lucimar dos Santos Reis](#)

[Luciana Mourão](#)

DOI 10.37572/EdArt_1408214155

CAPÍTULO 6..... 68

GÊNERO E EDUCAÇÃO, NA ESCUTA DOS ADOLESCENTES UM APRENDIZADO

José Heleno Ferreira

Gabriel Henrique Duarte

Lorena Rodrigues de Souza

Maria Inês da Silva

Marília Fraga Cerqueira Melo

Michele Mariano Rodrigues

Nilmar José da Silva

Sabrina Brombim Zanchetta

DOI 10.37572/EdArt_1408214156

CAPÍTULO 7 93

**SENTIDOS ATRIBUÍDOS À SEXUALIDADE E GÊNERO POR PROFESSORES DE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DA CIDADE DO RECIFE**

Marina Magalhães de Andrade Lima

Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas

DOI 10.37572/EdArt_1408214157

SOBRE AS ORGANIZADORAS..... 105

ÍNDICE REMISSIVO 106

CAPÍTULO 7

SENTIDOS ATRIBUÍDOS À SEXUALIDADE E GÊNERO POR PROFESSORES DE CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DA CIDADE DO RECIFE

Data de submissão: 28/05/2021

Data de aceite: 17/06/2021

Marina Magalhães de Andrade Lima

Psicóloga pela Universidade Católica de
Pernambuco
Recife – PE

<http://lattes.cnpq.br/0739128550223320>

Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas

Doutora em Psicologia pela Universidade de
Deusto, Bilbao, Espanha
Professora da Graduação em Psicologia e
da Pós-graduação em Psicologia Clínica
Mestrado e Doutorado da
Universidade Católica de Pernambuco

Recife - PE
<http://lattes.cnpq.br/6789160662822616>

RESUMO: O objetivo geral da presente pesquisa foi investigar os sentidos atribuídos à sexualidade e gênero por professores de curso de graduação em Psicologia. Foram realizadas entrevistas com seis professores/as em uma instituição de ensino superior particular da cidade do Recife. Para instrumentalizar a análise, evocou-se teóricos pós-estruturalistas, tais quais Judith Butler (2015), Kathryn Woodward (2000) e Tomás Tadeu da Silva (2004), que permitiram analisar as relações de poder contidas nos

discursos dos entrevistados e assim pensar a temática por vieses diferentes em relação ao senso comum. Dentre as principais questões levantadas na discussão, está a constante presença de visões binaristas em relação ao gênero que, constantemente, o relacionam com uma visão essencialista em torno do sexo. Em relação a inserção do tema em sala de aula foi apontado que o tema é pouco debatido. Portanto, levando em consideração que há no psicólogo uma posição de autoridade ao proferir discursos sobre a temática, é importante que esta esteja presente na formação do psicólogo, pois, quando estas questões passam a ser vistas por perspectivas binárias e essencialistas, produz-se sofrimento aos que não pertencem à norma.

PALAVRAS-CHAVE: Formação em Psicologia. Gênero e sexualidade. Teoria Queer.

SENSES ASSIGNED TO SEXUALITY AND GENDER BY PSYCHOLOGY UNDERGRADUATE COURSE TEACHERS OF THE CITY OF RECIFE

ABSTRACT: The general objective of this research was to investigate the meanings attributed to sexuality and gender by professors of an undergraduate course of Psychology. Interviews were conducted with six teachers from a private higher education institution in the city of Recife. To instrumentalize the analysis, post-structuralist theorists were

evoked, such as Judith Butler (2015), Kathryn Woodward (2000) and Tomás Tadeu da Silva (2004), which helped to analyse the power relations contained in the interviewee speeches and to investigate the theme through theoretical bases different from common sense. Among the main issues pointed in the discussion, there is the frequent presence of binary views regarding gender that constantly relate it to an essentialist view around sex. Regarding the insertion of the theme in the classroom, it was pointed out that the theme is little debated. Therefore, considering that there is a position of authority in the psychologist when giving speeches on the theme, it is important that discussions about gender and sexuality become more present in the training of the psychology professional, for, when these issues come to be seen through binary and essentialist perspectives, it produces suffering for those who do not belong to the norm.

KEYWORDS: Formation in Psychology. Gender and sexuality. Queer theory.

1 INTRODUÇÃO

Por meio de uma análise histórica, Nardi, Garcia e Paiva (2013) apontam a Psicologia como uma ciência que contribuiu para estigmatizar orientações sexuais distintas das heterossexuais e as diversidades de gênero. Esses autores afirmam ainda que, durante o século XX, essa ciência, aliada à Psiquiatria, reforçou a patologização da homossexualidade, classificando-a como doença mental. Esta classificação se manteve nas duas primeiras edições do Manual Diagnóstico de Doenças e Distúrbios Mentais, da Associação Norte Americana de Psiquiatria, servindo de base para diagnóstico e adoção de práticas “terapêuticas” que, nos dias de hoje, seriam consideradas tortura, sempre visando a modificação do comportamento sexual desses indivíduos. Essas práticas, chamadas de “terapia de reversão” causavam intenso sofrimento psíquico e físico, chegando a levar, em diversos casos, a sequelas permanentes e ao suicídio.

A importância de se estudar os sentidos atribuídos à sexualidade e gênero por professores de cursos de graduação em Psicologia e como esta temática é tratada nas salas de aula, está ligada ao fato de que estes profissionais são responsáveis pela formação de futuros psicólogos e que, no momento atual, psicólogos têm participado, cada vez mais, em diversos contextos da saúde, da educação entre outros serviços públicos, nos quais esta diversidade se apresenta de forma bastante evidente. Além disso, tradicionalmente a ciência da Psicologia tem sido convocada a regular comportamentos e, ao longo de sua trajetória, tem produzido teorias que atendem aos desejos da sociedade de controlar, higienizar, diferenciar e categorizar os indivíduos (Gonçalves, 2010).

Rose (2011) defende que os modos de subjetivação constituídos no contexto das democracias modernas liberais foram definidos nos moldes de um saber psi. A Psicologia teria inventado as chamadas terapias da normalidade que oferecem modos de traduzir os desejos, explicar a si mesmo, alcançar ideais e atingir a autonomia. Adotamos formas

de liberdade nas quais os sujeitos não são apenas livres para escolher, mas praticamente obrigados a serem livres, compreendendo a si mesmo, interpretando seu passado e planejando seu futuro dentro da gama de possibilidades pensáveis. Rose (2011) diz,

A liberdade é exercida somente quando se paga o preço de confiar nos experts da alma. Nós fomos libertados das prescrições arbitrárias de autoridades religiosas e políticas (...). Mas fomos atados a um relacionamento com novas autoridades, que são mais profundamente subjetivadoras porque parecem emanar de nossos desejos individuais de nos realizarmos em nossa vida cotidiana, de esculpir nossas subjetividades, de descobrir quem realmente somos. Através destas transformações nós “inventamos a nós mesmos” com todos os ambíguos custos e benefícios que esta invenção tem implicado (p. 33).

Acerca da posição a ser assumida pelas Ciências Sociais e pela Psicologia e a necessidade de interpelarmos a todos que se encontram numa posição de legitimar o discurso do outro, Guatarri e Rolnik (1996) dizem:

Devemos interpelar todos aqueles que ocupam uma posição de ensino nas ciências sociais e psicológicas ou no campo do trabalho social – todos aqueles, enfim, cuja profissão consiste em se interessar pelo discurso do outro. Eles se encontram numa encruzilhada política e micropolítica fundamental. Ou vão fazer o jogo dessa reprodução de modelos que não nos permitem criar saídas para os processos de singularização, ou, ao contrário, vão estar trabalhando para o funcionamento desses processos na medida de suas possibilidades e dos agenciamentos que consigam pôr para funcionar (p. 29).

Considerando, pois, que a Psicologia está cada vez mais inserida nas políticas públicas de assistência social, saúde, justiça e educação (Gonçalves, 2010) e que a sexualidade é uma questão transversal e constituinte dos sujeitos (Gesser, Oltramari, Cord e Nuremberg, 2012), há uma necessidade de se estudar as posições assumidas pelos professores de psicologia diante da temática e gerar discussões em torno das perspectivas teóricas utilizadas em sala de aula e o modo de pensar a constituição da noção de sujeito e as identidades diferentes daquelas ditas heteronormativas. Este estudo poderá contribuir para a proposição de ações voltadas à formação do psicólogo que incorpore uma perspectiva política voltada à despatologização das sexualidades periféricas, aquelas que fogem à norma instituída socialmente.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que se caracteriza pela compreensão de fenômenos ao invés de se fundamentar nas mensurações destes. Portanto, a utilização da abordagem qualitativa permitiu captar sentidos presentes nas narrativas dos professores. Participaram da pesquisa seis professores de graduação em Psicologia em uma instituição de ensino superior particular da cidade do Recife. A escolha da instituição

e dos professores se deu por conveniência. Inicialmente a pesquisadora se apresentou aos professores de graduação de psicologia e perguntou a eles se havia interesse em participar de uma pesquisa científica, relacionada à formação em Psicologia, gênero e sexualidade. Os que se interessaram, foram entrevistados individualmente, em espaços reservados na instituição, de modo a assegurar privacidade e evitar interrupções externas.

Por se tratar de pesquisa com seres humanos, o projeto do qual este trabalho faz parte foi aprovado pelo comitê de ética. Foram utilizados nomes fictícios e outros cuidados éticos para com os participantes de modo a assegurar o anonimato. Solicitou-se aos que se interessaram em participar da pesquisa, que assinassem um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), através do qual declararam ciência dos riscos e benefícios da pesquisa. Antes de iniciar a entrevista, mostrou-se um teaser do documentário “Sou Trans e R(e)xisto”, que traz a narrativa de três pessoas Trans sobre suas dificuldades e sofrimentos enfrentados nos períodos de infância e adolescência por se perceberem fora do padrão heteronormativo.

A apresentação do vídeo teve a finalidade de servir como estímulo para disparar as narrativas dos participantes sobre a temática em questão. Após assistirem ao vídeo, deu-se início à entrevista, na qual se utilizou algumas questões centrais, tais como: “O que você achou do vídeo?”, “O que você pensa acerca da formação do Psicólogo em relação às questões ligadas a gênero e sexualidade?”, “O que você pensa dos projetos didáticos adotado dos cursos de Psicologia do Brasil?”. Vale salientar que outras perguntas eram feitas, quando necessário, a partir das respostas dos participantes, sempre no sentido de esclarecer ou ampliar a compreensão das narrativas dos entrevistados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A leitura das entrevistas permitiu agrupar alguns recortes de falas em dois eixos que assim foram denominados: Eixo 1 – Posições-de-sujeito assumidas por professores diante das questões de sexualidade e gênero; Eixo 2 – Como esses temas são tratados no curso de graduação de Psicologia.

3.1 EIXO 1 – POSIÇÕES-DE-SUJEITO ASSUMIDAS POR PROFESSORES DIANTE DAS QUESTÕES DE SEXUALIDADE E GÊNERO

Para dar início a este eixo, será feita a definição de posição-de-sujeito que se mostrou condizente com a posição teórica adotada neste projeto e com o material apreendido a partir das entrevistas realizadas com os professores do curso de graduação

de Psicologia. Para tal é importante que evoquemos alguns teóricos que nos ajudem a pensar a noção em questão para que possamos seguir para análise.

De acordo com Kathryn Woodward (2000, P.17): “Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar”. Assim, a partir de Woodward, pode-se pensar que os sistemas representacionais e os discursos são construtos culturais e por fazerem parte do meio social estão, também, atravessados por relações de poder e conseqüentemente implicados na formação da desigualdade, pois o poder age de maneira a limitar a forma como os sujeitos podem se representar no contexto cultural e, também, produz identidades culturais específicas (LOURO, 2001). Com este atravessamento, podemos refletir que todas as entrevistas realizadas trazem posicionamentos de sujeito específicos e fazem parte de um panorama permeado de discursos que carregam relações de poder e, portanto, sistemas de desigualdade.

É necessário levar em consideração, também, que os discursos atravessam os sujeitos ao mesmo tempo em que produzem os seus modos de subjetivação, ressoando, portanto, nas formas como cada um se desdobrará, considerando as contingências, ou as possibilidades dentro de cada momento histórico. No que se refere ao contexto atual das democracias modernas liberais, Rose (2011) enfatiza que os processos de subjetivações estão sendo constituídos dentro dos moldes do saber psi que fornece liberdade aos indivíduos quando se associam aos sujeitos em posição de autoridade já estabelecidos; entretanto, ao mesmo tempo que proporciona mecanismos para estes inventarem a si mesmos, também, limitam-se as possibilidades de ser para além do que cabe na norma.

Com a finalidade de uma maior compreensão a respeito do sentido de poder que está sendo colocado, torna-se necessário dizer que este conceito será abordado a partir de uma concepção *Foucaultiana*, trabalhada aqui a partir de Judith Butler (2015). Essa escolha foi feita porque na obra dele é possível compreender os mecanismos de saber/poder que agem de forma a influenciar o pensamento e as práticas sociais da cultura. Dessa maneira, ao referir-se a poder estamos afirmando que esse não parte especificamente de um indivíduo ou instituições, mas circula em todas as relações sociais compreendendo desde o campo macropolítico ao micropolítico. Vale ressaltar que para Foucault o poder age de maneira a censurar, interditar, silenciar as possibilidades de ser que não condizem com os padrões normativos estabelecidos a partir dos interesses dos grupos dominantes e que ao longo da história ocidental esses grupos foram representados por homens, brancos, héteros e cis gêneros. Dessa maneira, tudo o que foge a essa norma está mais suscetível a ser recriminado dentro do meio social. A noção de Foucault de poder se

mostra, então, como um eficiente instrumento de análise das entrevistas por nos permitir criar densidade nas análises das relações de poder que inevitavelmente aparecem nos discursos dos professores entrevistados e nas referências que fazem às suas vivências com práticas e ensinamentos de gênero.

A primeira entrevistada que citamos aqui se chama Ana e é professora de Psicologia, tendo sua formação em psicologia cognitiva. Trazemos primeiramente o exemplo de Ana, por percebermos que apesar da sua formação na perspectiva da Psicologia Cognitiva, no seu discurso há um posicionamento em consonância com a Psicanálise Freudiana em que coloca o desejo como sendo o centro do sujeito, o que difere de muitas teorias de gênero. Tomando como referência a teoria de Judith Butler (2015), pode-se pensar que a noção de centro como foi colocado remete a uma visão metafísica implicando a uma noção de universalidade entre os sujeitos. Ao discorrer em suas falas, Ana, diversas vezes, gerou uma discriminação entre *nós* e *eles* que foi bastante comum também entre os outros entrevistados, como no trecho a seguir:

Agora eu compreendo perfeitamente, respeito, incentivo e apoio a luta deles por tomarem um caminho, não é? Que condiga... que seja mais condizente com o desejo deles. Entendeu? Eu acho que hoje têm surgido muitas identidades que eu acho que a gente precisa refletir também, sabe? Que algumas até me assustam porque tipo, ora eu nem sou homem nem mulher, ora me sinto homem ora me sinto mulher [...].

Silva (2004) argumenta que a identidade é ordenada em oposições binárias e que não se trata de uma divisão de mundo em duas classes simétricas, mas que há sempre uma atribuição de valores entre essas classes. Assim, se considerarmos que a identidade está sendo distinguida no discurso de Ana entre “nós” e “eles”, neste caso específico, classificar significa, também, hierarquizar, pois fica subentendido que um dos termos é sempre privilegiado, recebendo um valor positivo, enquanto o outro recebe um valor negativo. Ao usar o termo “eles” para referir-se as pessoas que estão fora do padrão normativo heterossexual, ela ocupa uma posição-de-sujeito que é fortemente marcada por relações de poder. Isso se acentua ao final do trecho em que mostra um desconforto com essas pessoas e, mesmo com uma boa vontade de aceitação, os coloca dentro de um campo que passa pela ininteligibilidade, ou seja, não são compreendidos socialmente e tachados de uma forma generalista ao lugar de desviante.

Assim, podemos entender que Ana, apesar de fazer uma tentativa de se abrir à compreensão das pessoas que se desviam da norma, assinala o seu não pertencimento a este mesmo sistema de gênero que essas pessoas e afirma o seu estranhamento.

Ao contrário, José, outro entrevistado, parte do princípio de que os gêneros pertencentes à norma e os que não pertencem são parte de um mesmo sistema e a

formação discursiva dita o que as pessoas podem ser e o que não podem. Como se pode perceber em sua fala a seguir:

Enquanto hétero... não precisa haver luta para ser hétero, porque as pessoas agora acreditam, não agora, mas acho que desde sempre, que essa é a forma correta de ser e, na verdade, não existe a forma correta de ser. O que existe é a forma como as pessoas podem ser, né? A dificuldade da gente de poder acolher o outro da forma como o outro pode ser. Eu acho que o que existe é isso e o hétero é o que todo mundo entende como o normal, que é o aceitável.... Tem a ver com a cultura, eu acho, com a religião, também e muitas coisas que passam nesse discurso em que o hétero é o normal e o resto é o que as pessoas não poderiam ser.

Acreditamos que o uso “da gente” é mais uma ferramenta discursiva, mas que, no geral, o trecho aqui recortado mostra que José entende que a forma como ele é, que é tida como a norma, é apenas mais uma entre outras possíveis.

Isto nos leva a pensar outro ponto importante e recorrente percebido nas entrevistas, que é a questão de ver o mundo e as pessoas a partir de binarismos, restringindo as pessoas a duas categorias: homem e mulher; isto se relaciona também com a cisão que os entrevistados constantemente fizeram entre o que chamam de “sexo biológico” e “gênero”, como se o que entendessem por biológico tivesse algum tipo de essencialidade, que, quando não sintonizada com o gênero, culminaria numa disforia. Isso pode ser percebido tanto na fala de Ana, posta acima, como de outros entrevistados, como é o caso de Carla colocado a seguir:

Olha só, é a questão de você olhar seu corpo e ver que não está batendo. Você sente e percebe seus desejos, suas inclinações e eu sei que tem relatos de pessoas tem essa estranheza muito precocemente e como se estivessem habitando um corpo estranho. [...] A gente entende que existe essa, não seria um erro né. A natureza é cruel, mas, existe essa falta de sintonia que gera sofrimento.

Assim, na fala de Carla é possível perceber que seu posicionamento tende a uma visão naturalista e biologizante em relação à identidade de gênero; na qual supõe-se haver uma coerência natural entre o sexo e identidade. Para Carla, o sofrimento das pessoas transgênero se situa na não aceitação do próprio corpo, e não por existirem dentro de um sistema que nega outras possibilidades de existência. Isto nos leva a pensar na afirmação de Butler (2015) de que a noção de verdade sobre o sexo é produto de práticas reguladoras que geram identidades de gênero coerentes, aos objetivos de atender a um sistema heteronormativo e, assim, defende que a heterossexualidade é institucionalizada e compulsória.

Provavelmente por se posicionar num lugar de poder em relação à transgressão de sexualidade e gênero, Carla entende que a classificação de transgeneridade como transtorno é uma forma de tirar a “culpa” do sujeito de ser desviante, como se pode ver no recorte a seguir:

Cabe aí na verdade o nome transtorno, porque na hora que você faz uma delimitação, você ajuda a fazer uma pesquisa a respeito. Ajuda, eleva a um patamar. Assim, você ver como uma doença tira um pouco a culpa do sujeito, a responsabilidade dele.

Assim, percebemos que Carla entende que a transgressão à norma de gênero quando vista como intencional, acarreta uma responsabilidade a qual seria vinculada uma noção de culpabilidade. Já se não fosse intencional, não haveria culpa. Em ambos os casos, Carla entende que a transgressão de gênero é algo que habita, de alguma forma, um status marginal.

Apesar de a possível culpabilização colocada por Carla não ser tão comum entre os outros entrevistados, a questão da intencionalidade na transgressão de gênero foi recorrente em outra entrevista, como foi o caso de Roberto. Ao discorrer sobre a prática do psicólogo em relação a uma pessoa que está fora dos padrões de gênero, ele se referiu que: *“Ele (o psicólogo) não pode dizer que isso (o padrão) é melhor que aquilo (o desvio). Tem que escutar o que o sujeito quer”*. Assim, se opondo à presunção de Carla, ele situa o padrão e a transgressão como sendo, de alguma forma, uma questão de escolha, mas não cria, em torno delas, um sistema de valoração.

Em relação à patologização, José, que já foi citado anteriormente, colocou uma questão que dialoga diretamente com Carla, mas também nos ajuda a pensar a posição dos outros entrevistados. Segundo ele:

Entender a transgressão como patológica] é só uma forma de dizer para o outro que a gente não aceita a forma como o outro pode ser, achar o outro como anormal. Aonde está a dificuldade? Acho que a dificuldade está em quem olha para isso como uma patologia e não em quem está vivendo isso. Acho que não deveria existir esse tipo de classificação; não acho que é doença; não acho que é patologia.

Assim, percebemos que José desloca a discussão em torno da intencionalidade de transgredir ou não, assim como não vê na biologia um elemento que seria essencial, mas coloca no centro da discussão a forma como a sociedade em que nos inserimos enxerga e se posiciona diante dos padrões e da patologização, que ele vê como sendo um elemento taxativo de anormalidade, das pessoas que, por qualquer motivo, divergem da norma. Isto nos leva a pensar, que um posicionamento importante que os entrevistados tomam é o de se colocar como parte de uma sociedade que, por motivos e crenças diversas, mas afins, enxergam esse outro como sendo marginalizado. Em alguns discursos, percebemos que a visão discriminatória e a posição de autoridade enfatizam a posição do psicólogo de falar com propriedade sobre os sujeitos a partir dos seus valores e crenças, que muitas vezes correspondem a visões excludentes da sociedade que eles se referem ora na terceira pessoa, ora na primeira do plural.

3.2 EIXO 2 – COMO ESSES TEMAS SÃO TRATADOS NO CURSO DE GRADUAÇÃO DE PSICOLOGIA

Como o título já sugere, neste eixo partiremos para uma compreensão do modo como esses temas são tratados nos cursos de graduação de Psicologia. Assim, a partir das narrativas dos professores foi possível perceber que o tema aparece de forma esporádica ao longo do curso e no geral adota-se uma abordagem patologizante, como é possível perceber na fala de Ana a seguir:

Já tive situação em que a gente conversou um pouco sobre as situações de gênero, o que é ser homem e o que é ser mulher, mas são aparatos de comportamento a serem desempenhados. [...] já houve uma ocasião que eu dei, em 2014, um curso de teorias Psicanalíticas e aí se discutiu mais. [...] Partiu inclusive deles (alunos) o interesse de trazer essa discussão falando de sexualidade. De ver se na Psicanálise seria perversão, o que é que Freud pensava de perversão. E aí, a gente trouxe textos de Freud para ver o que ele colocava como possibilidades. Falava de inversão aí não era necessariamente o mesmo que perversão, não era no sentido perverso "aquele que ignora a lei". Bom e foi isso.

A partir da fala de Ana, pudemos perceber que o tema não é muito discutido, o que depende também do interesse dos alunos, como foi relatado no caso acima. A discussão girou em torno da visão Freudiana a qual predomina uma ideia de inversão em relação aos gêneros e sexualidades consideradas normais. Carla, outra entrevistada, demonstrou, assim como Ana, uma abordagem patologizante, mas, ao invés de adotar um viés psicanalítico, adota o tema a partir da Psiquiatria:

Atualmente nas minhas aulas eu toco um pouco sobre esse assunto nos assuntos de desenvolvimento e identidade sexual. Eu não sei o resto do curso, mas na minha parte eu tento mostrar o foco que é na verdade não uma questão de escolha, de opções, mas de um determinismo que a gente não sabe até que ponto é genético. Um determinismo biológico sem dúvidas. Não é uma que... A questão do ambiente tem um papel desprezível em relação à identidade sexual e orientação sexual. Uma coisa é desmistificar isso para que as pessoas olhem para isso como... Não como uma questão de desejo, de opção, mas uma coisa que é assim e que cabe a gente reconhecer que é assim. E as pessoas que estão assim, que são assim não têm culpa disso. É um pouco de abrir a cabeça assim, mas eu não chego a tratar especificamente dessas questões no dia-a-dia.

Desse modo, é possível confirmar a partir da fala de Carla que essa temática não tem sido muito enfatizada nos cursos de Psicologia e o modo como é tratado essas questões vai depender do professor. Além disso, ambas as falas citadas acima tenderam a tratar o tema a partir do viés da patologia, de modo a recair no determinismo de ordem ora biológico, perceptível no discurso de Carla e, de ordem do psiquismo e do desejo no discurso de Ana. Quando esse tema é visto a partir de binarismos (ex: homem, mulher; normal, desviante) há assimetrias entre as categorias e reforça discursos excludentes e que deslegitimam outras possibilidades de subjetividades que não fazem parte da norma

hétero. Roberto, outro professor entrevistado, considerou que identidade e orientação devem ser questões transversais e, portanto, abordadas em todas as disciplinas e não apenas em uma. Tal colocação nos leva a pensar que ele concorda que as questões de gênero devem ser abordadas a partir de vários vieses e teorias. No caso específico dele, ele aborda a partir do viés Psicanalítico, como é possível perceber no trecho a seguir:

Olha a Psicanálise tem se aberto muito a essas questões. Antes ela era muito refratária a isso e tem se aberto muito, por exemplo, você tem uma maneira de utilizar as teorias Psicanalíticas de uma forma, também, transversal. É, examinando as questões também do social, do ser na cidade e do ser em grupo; do ter ou não uma sexualidade, de ter ou não um gênero definido. [...] Então, são coisas muito transversais que vão acontecendo e a Psicanálise tem se interessado.

Assim, podemos pensar que tratar o gênero a partir de várias teorias como foi sugerido por Roberto pode ser enriquecedor a medida que não se põe em evidência apenas uma única forma de se pensar o gênero. Uma outra questão importante é pensar a educação como um ambiente que historicamente serviu como legitimador de discursos e que tendeu a normalizar e produzir a forma como as pessoas se generificam e se apresentam como seres sexuados. Louro (2001) indicou que várias instâncias sociais realizam uma pedagogia da sexualidade de modo a naturalizar a heterossexualidade criando para isso tecnologias de autogoverno que levam os sujeitos a exercerem um investimento continuado sobre si mesmos. Tal concepção difere daquelas abordadas pelos professores acima. Então, a partir da perspectiva colocada por Louro, podemos pensar que a sexualidade e gênero tal como pensada por Ana e Roberto tendem a afastar a sua dimensão social e política, e a naturalizar discursos essencialistas responsáveis por sustentar a noção de coerência entre sexo, gênero e desejo, cujo efeito é a exclusão de outras formas de subjetividades que não a heterossexual. No entanto, tratar as questões por vieses diferentes, como sugerido por Roberto, traz a possibilidade de se construir novos sentidos para essas questões e de aproveitar o espaço legitimador das instituições de ensino, que por tanto tempo ajudaram a construir a visão essencialista do sexo, para, finalmente, refletir sobre e repensar as atribuições científicas discorridas sobre gênero, evidenciando seus impactos éticos e políticos.

4 CONCLUSÃO

De acordo com a análise das entrevistas desenvolvida neste relatório, na qual buscamos compreender os sentidos atribuídos à sexualidade e gênero pelos professores de cursos de graduação em Psicologia, foi possível perceber uma tendência desses professores, principalmente nas falas de Ana, Carla e Roberto, a evocar discursos

fortemente atravessados por paradigmas essencialistas, universais e binários. Compreendemos que estes discursos são calcados nas relações de poder e que ao longo da história produziram noções de verdades sobre gênero e sexualidade de modo a delimitarem territórios de existência. É importante frisar que embora nas falas de Ana, Carla e Roberto seja evidente posições que condizem com os modelos binários fabricados dentro do meio social, há, também, especificidades diferentes na forma como as relações de poder aparecem em seus discursos, pois, adotam abordagens teóricas diferentes entre si.

Além disso, pudemos observar que as narrativas destes professores se voltaram majoritariamente para a noção de indivíduo, de modo a continuamente classificá-los por suas diferenças, evidenciando uma cisão entre as pessoas que estão na norma e as que não fazem parte dela. Por outro lado, José tendeu a considerar o sistema político identitário que fabrica e hierarquiza as diferenças como principal objeto do seu discurso.

Em relação a inserção das discussões sobre o tema em sala de aula os professores apontaram em suas falas que o tema é pouco debatido apesar de todos concordarem sobre a importância desse debate.

Desse modo, podemos concluir que é importante trazer esta discussão para as salas de aula dos cursos de Psicologia, enfocando diferentes vieses para repensar a forma como os discursos sobre a sexualidade e gênero têm se infiltrado nas práticas educacionais e delimitado territórios de existência. Há, pois, uma tendência na formação em Psicologia a fabricar e legitimar verdades que têm servido para naturalizar os padrões heteronormativos, levando em consideração que há no psicólogo uma posição de autoridade ao proferir discursos sobre o tema. Portanto, é importante que o tema esteja presente na formação do psicólogo para que futuramente sejam implementadas às teorias da psicologia discussões sobre a não coerência e não linearidade necessária entre sexo-gênero e desejo. Essa discussão é importante para a não exclusão das pessoas que estão fora da norma hétero de modo a serem tratadas não em um lugar de desvio ou patologização, mas como pertencentes e agentes de um sistema que é produzido e reproduzido por todos nós, dado que o lugar de exclusão que lhes é reservado gera sofrimento e limita as suas possibilidades de existência.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 8. ed, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

GONÇALVES, M. G. M. (2010). Psicologia, subjetividade e políticas públicas. São Paulo: Cortez.

GESSE, M., OLTRAMARI, L., CORD, D., NUERNBERG, A. Psicologia escolar e formação continuada de professores em gênero e sexualidade. *Psicol. Esc. Educ.* [online]. 2012, vol.16, n.2, pp.229-236. ISSN 2175-3539.

NARDI, H. C., GARCIA, M. R. V., & PAIVA, V. S. (2013). In: *Anais do XVII Encontro Nacional da Abrapso: práticas sociais, políticas públicas e direitos humanos*. Florianópolis.

ROSE, N. *Inventando nossos selfs: psicologia, poder e subjetividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In SILVA, T.T. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, 7-72.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

BRUNA BEJARANO - Bacharel em Ciências da Comunicação - Jornalismo (2012) e Bacharel em História da Arte (2018), ambos pela Florida International University (Miami) e Mestre em Educação para as Artes pela Florida University (Gainesville). Tem mais de 10 anos de experiência profissional como comunicadora de massa, apoiando e coordenando uma ampla variedade de atividades relacionadas à mídia e marketing em empresas como Baptist Health South Florida, Grupo KSG, GMG Marketing Company, Museu Rubell e Borboleta Music. É Diretora de Criação da Coffee Table Productions e Editora de Arte da Editora Artemis.

VIVIANE CARVALHO MOCELLIN - Mestre em Engenharia da Produção com ênfase em Recursos Humanos e Psicologia Organizacional pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Especialista em Gestão Industrial (UTFPR). Graduada em Psicologia (Universidade Internacional da Flórida), Direito (PUC-PR) e Letras Português-Inglês (UTPR). Atualmente, é sócia-administradora da empresa Mocellin Assessoria Pedagógica Ltda. e Editora Executiva da Editora Artemis.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescência 68, 70, 72, 91, 96

Arte 1, 8, 22

Autoritarismo médico 39, 43

D

Direito e saúde 39

Discriminação 29, 31, 35, 37, 48, 49, 52, 54, 55, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 72, 74, 77, 84, 90, 98

E

Educação 50, 52, 53, 65, 67, 68, 71, 75, 80, 83, 84, 88, 89, 90, 91, 94, 95, 102

F

Feminismo 1, 23, 29, 37, 66, 90, 103

Formação em Psicologia 93, 96, 98, 103

G

Gênero 1, 2, 8, 9, 10

Gênero 12, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 41, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

Gênero e sexualidade 74, 91, 93, 96, 103, 104

I

Identidade 1, 2, 5

Identidade de gênero 12, 14, 17, 20, 21, 30, 37, 79, 83, 88, 91, 99

M

Mulheres líderes 48, 49, 53, 58, 63, 65

P

Práxis social 12, 14, 15, 22

Prisões 25, 29, 30, 31, 34, 37

Q

Queers 1

R

Raça 27, 48, 49, 51, 52, 55, 58, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 82, 88

T

Teoria Queer 91, 93

Trajatória profissional 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 59, 60, 61

Transexualidade feminina 25, 33

Transfobia 12, 14, 15, 16, 18, 22, 23

Transgênero 12, 16, 17, 23, 99

V

Violência obstétrica 39, 40, 42, 41, 44, 46, 47



**EDITORA
ARTEMIS**